

Freire quer PCB na união da esquerda

ANA DUBEUX

A força do voto útil estragou os planos do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em algumas capitais, especialmente, em Recife, onde o pernambucano Roberto Freire esperava chegar entre os três primeiros colocados. Mesmo assim, ele considera que o PCB saiu fortalecido dessas eleições e está pronto para participar da articulação de alianças em favor da candidatura de esquerda que disputará o segundo turno com Fernando Collor de Mello.

Ontem à tarde, Freire foi convidado para uma reunião com o deputado do PT, Plínio de Arruda Sampaio, mas preferiu adiá-la para segunda-feira. "Vamos aguardar o resultado final das apurações, mas de qualquer modo estamos dispostos a negociar". Ele deixa claro, porém, que não aceitará qualquer intransigência de setores extremistas ligados à Frente Brasil Popular, referindo-se ao PC do B. "Não vamos ajudar eleger o Lula. Caso seja o vitorioso, queremos participar do governo". Sua entrevista ao **CORREIO BRAZILIENSE**:

CB — O Brasil respondeu nas urnas exatamente ao que o PCB esperava?

Freire — Para dizer a verdade, não. Esperávamos um pouco mais em alguns estados, mas isso não se justifica com a tese do voto útil. Muita gente mudou de voto em cima da hora, para uma candidatura de esquerda com mais chance de vitória. De qualquer modo, os resultados saíram dentro de nossas previsões. Em alguns aspectos fomos até melhores do que imaginávamos, pois ficamos entre o sétimo e o oitavo lugar.

CB — Isso credita o PCB a disputar pau-a-pau com os grandes partidos, nas eleições para governos de estados?

Freire — Não estamos, por enquanto, preocupados em medir força. Uma disputa como esta, sozinho, ainda é muito difí-



Freire vê PCB fortalecido, apto a apoiar Lula e entrar no governo

cil. Mas numa coligação pode até parecer viável. Mas estamos mais preocupados em discutir o futuro Parlamento. Nós, em 1993, precisamos estar muito bem estruturados. Precisamos organizar uma boa bancada comunista, uma boa bancada de esquerda. Nosso intuito é esse.

CB — E no segundo turno, quem o Partido Comunista vai apoiar?

— Ainda não foi decidido, até porque ainda não está definido quem da esquerda vai chegar lá. Mas qualquer um dos dois, Lula ou Brizola, pode ter nosso apoio. Creio que com uma boa discussão vamos chegar a um entendimento.

CB — Uma disputa entre Lula e Collor não será muito radicalizada?

— Se houver radicalização, não é que preocupe, mas torna mais difícil a vitória. Tem que se ter uma visão mais ampla das alianças. Espero que o PT tenha, se estiver na final, capacidade de entender que a aliança precisa abranger vários setores. E não é só para vencer eleição, é aliança para governar.

CB — Se os segmentos mais radicais do PT não concordarem com a ampliação das alianças, como o PCB agirá?

— Não vamos pensar assim, até porque nada está definido ainda. Mas, de qualquer modo, é necessário que o PT tenha uma visão mais larga do proces-

so. A radicalização não resolve nada. Ela pode até ter resolvido para garantir 15 ou 18 por cento dos votos do primeiro turno mas, a partir de agora, nada apresentará. Para ganhar a eleição é preciso ter 50 por cento dos votos. E não é só ganhar, é necessário ter base para governar.

CB — O que é melhor para o Brasil hoje: a esquerda de Lula ou de Leonel Brizola?

— É indiferente. O País aguenta qualquer um dos dois, aguenta até a direita de Fernando Collor. Essa visão, a gente precisa ter. Lamento que alguns setores da esquerda não pensem assim, pois isso pode causar o reverso da medalha: é o mesmo discurso da direita, quando diz não aceitar um candidato de esquerda. Em democracia, tem que se respeitar os resultados das urnas. É a vontade do povo. Se vencer a esquerda, ótimo. Se não, tudo bem. De um modo ou de outro, o resultado final será respeitado.

CB — As divergências entre o PT, o PDT, o PCB e PC do B não vão prejudicar esse processo?

— Acho que, no início, talvez sim, especialmente entre PT e PDT, porque o tom da agressão foi forte. Mas, de qualquer forma, as duas forças que vão chegar ao segundo turno são tão antagônicas que a esquerda vai se unir. As diferenças entre nós,

da esquerda, e eles da direita, são mais palatáveis.

CB — Os militares parecem ter temores com uma possível vitória de Lula. Estão fazendo apenas terrorismo?

— Não é só terrorismo, não deve ter algum fundo de verdade. É o problema da ideologia, que há muito tempo foi colocado na cabeça deles. Isto cria uma visão estreita em relação à esquerda. Se observa a mesma coisa com os empresários. É importante salientar que a Constituição está aí para ser seguida. Nem Forças Armadas, nem ninguém, é tutor do povo para dizer o que ele deve fazer. Não adianta espernear. Eles têm que se submeter à lei, como qualquer um de nós.

CB — O senhor acha que os resultados das eleições têm surpreendido?

— O bom número de votos de Lula no Nordeste é realmente surpreendente, é algo que não era esperado. Assim como sua pouca votação no Sul e, sobretudo, em São Paulo. Um dado importante é que não houve, como se imaginava, manipulação das pesquisas. As pesquisas deram uma indicação segura do processo. Quanto ao Lula, essa boa votação no Nordeste se explica com o apoio da Igreja, isto foi fundamental.

CB — Mas, em Recife, o senhor esperava chegar entre os três primeiros?

— O voto útil prejudicou um pouco nos planos.

CB — O senhor se arrepende de não ter feito alianças logo no primeiro turno?

— De modo algum. Nosso procedimento foi certíssimo. Conseguimos ajudar a desmistificar todo esse processo político do Brasil, de estigmatizar o comunismo. Foi fundamental, não apenas para nós, mas para o próprio processo democrático. E o Partido Comunista teve um bom desempenho. Tivemos uma das candidaturas mais respeitadas, inclusive pelos adversários.

CB — Sua candidatura para o Governo do Estado é vista como certa?

— Não penso nisto. Estamos estruturando nossa bancada.